Corpas, vozes, retratos e resistências

Bodies, Voices, Portraits, and Resistances

DOI: https://doi.org/10.5965/2358092530120026e0007

Maykell Rodrigues Martins[1]
Orcid: 0009-0003-1905-2409

Recebido: 24/06/2026
Aprovado: 24/09/2026
Publicado: 14/11/2026

[1] Mestrando no Mestrado Profissional em Artes (Prof-Arte) pela Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC. Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Faveni (2025) e graduação em Artes Visuais - Licenciatura pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2009). Atualmente é professor de arte do Centro Socioeducativo Regional de São José e Assistente de Educação do Centro de Educação de Jovens e Adultos de São José -SC. Tem experiência na área de Artes, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em espaços de privação de liberdade. Pesquisa principalmente nos seguintes temas: arte, travestis e transexuais, educação de jovens e adultos e espaços de privação de liberdade.

Resumo

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada com travestis e mulheres transexuais, com o objetivo de compreender suas trajetórias, experiências e estratégias de resistência frente às violências e exclusões sociais. A pesquisa foi desenvolvida por meio de registros fotográficos e diálogos, reconhecendo suas narrativas como produção de conhecimento e não apenas como objeto de representação. O estudo fundamenta-se na interculturalidade crítica (Candau, 2016; Walsh, 2009) e em contribuições dos estudos de gênero e cultura (Louro, 1997; Butler, 2003; Bento, 2017; Hall, 2006; Jesus, 2014), e na perspectiva da educação e pedagogia crítica de bell hooks (2013) articulando corpas, identidades e desigualdades como dimensões historicamente produzidas. Os resultados evidenciam que o trabalho sexual aparece como estratégia de sobrevivência no qual se articulam vulnerabilidades e resistências. Ao mobilizar fotografia e narrativa como dispositivos analíticos, o artigo contribui para tensionar regimes de invisibilidade e ampliar debates sobre reconhecimento e justiça social.

Palavras-chave: interculturalidade; narrativas; transexuais e travestis

Abstract

This article presents the results of a study conducted with transvestites and transgender women, aiming to understand their trajectories, experiences, and strategies of resistance in the face of violence and social exclusion. The research was developed through photographic records and dialogues, recognizing the participants' narratives as forms of knowledge production rather than merely objects of representation. The study is grounded in critical interculturality (Candau, 2016; Walsh, 2009), gender and cultural studies (Louro, 1997; Butler, 2003; Bento, 2017; Hall, 2006; Jesus, 2014), and the contributions of critical pedagogy (hooks, 2013), articulating bodies, identities, and inequalities as historically and socially constructed dimensions. The findings reveal that sex work emerges as a survival strategy within contexts marked by structural exclusion, where vulnerabilities and forms of resistance coexist and intertwine. By mobilizing photography and narrative as devices for engagement, listening, and analysis, the article contributes to challenging regimes of invisibility, expanding debates on recognition, and fostering reflections on social justice.

Keywords: *interculturality; narratives; transgender women and travestis.*

Para início de conversa...

Há vidas que atravessam as cidades quase invisíveis. Corpas[2] que ocupam ruas, esquinas e espaços noturnos, mas que raramente são reconhecidas em sua complexidade humana, sendo frequentemente reduzidos a estigmas produzidos por discursos históricos de exclusão. Entre luzes artificiais, silêncios e olhares apressados, travestis e mulheres transexuais[3] seguem construindo suas trajetórias em uma sociedade que, muitas vezes, insiste em negar-lhes reconhecimento, direitos e pertencimento.

Foi nesse contexto que surgiu o interesse por esta pesquisa. Mais do que uma inquietação acadêmica, trata-se de uma investigação atravessada por experiências pessoais. Como homem gay, minha trajetória foi marcada pelo contato com diferentes formas de preconceito, silenciamento e questionamentos. Embora reconheça as especificidades que distinguem minha experiência das vivências de travestis e mulheres transexuais , compartilho com elas a experiência de habitar, de alguma forma, espaços historicamente atravessados pela discriminação, embora essa condição não me autorize a falar por essas pessoas, mas me impulsiona a aproximar-me de suas narrativas por meio da escuta atenta, do respeito às diferenças e do reconhecimento da legitimidade de suas vozes.

Nessa perspectiva este trabalho nasce do encontro. Encontro entre corpas, histórias, trajetórias e modos distintos de compreender e experienciar o mundo. Cada fotografia e cada narrativa compartilhada constituem vestígios de experiências marcadas por desafios, afetos, perdas, conquistas e formas singulares de existir. Nesse sentido, a fotografia deixa de ser apenas um instrumento de registro para tornar-se uma linguagem de aproximação, escuta e produção de sentidos.

A pesquisa aqui apresentada, também foi pensada na perspectiva da interculturalidade que oferece um importante aporte teórico para essa reflexão. Tal compreensão encontra respaldo nas contribuições de Vera Maria Candau (2016) e Catherine Walsh (2009), que defendem uma interculturalidade voltada à construção de relações mais democráticas e ao enfrentamento das estruturas de poder que produzem subalternizações.

---

[2] A escolha do uso da palavra "corpa" faz parte de uma articulação teórica e linguística de movimentos dissidentes para desconstruir o binarismo de gênero (que usa o masculino como universal) na língua portuguesa.

[3] Ressalto que durante leituras para referenciar esse artigo, observei que Silva (2023, p. 82) salienta que o prefixo trans está associado exclusivamente à identidade das sujeitas e sujeitos transexuais. Ainda para a autora, esse processo nega, apaga e inviabiliza a identidade de travestis, afirmando também que esse é um processo, muitas vezes, higienizador e colonizador, já que se esquece de afirmar e reconhecer uma identidade brasileira – a travesti, permeada por uma história de luta, resistência e existência. Portanto, o termo trans é utilizado socialmente para afirmar a identidade de sujeitas (os) transexuais, muitas vezes associado à ideia de cirurgia de redesignação sexual. Concordo com a autora e opto por me referir a travestis e transexuais, colocando a denominação "travesti" antes da "transexual", exceto quando faço citações de outros autores.

Na perspectiva de gênero a pesquisa busca dialogar com Judith Butler (2003), ao compreender o gênero como uma construção social e performativa continuamente produzida nas relações culturais; com Berenice Bento (2017), cujas análises evidenciam os processos de violência, exclusão e resistência que atravessam as experiências de travestis e mulheres transexuais; com Stuart Hall (2006), que concebe as identidades como construções históricas e culturais; com Jaqueline Gomes de Jesus (2014), que contribui para a compreensão das identidades travestis e transexuais, com Louro (1997) e seus estudos de gênero e com a pedagogia crítica e engajada de bell hooks (2013). A partir dessas perspectivas, as participantes são compreendidas não como objetos de estudo, mas como sujeitas produtoras de conhecimentos, capazes de elaborar leituras próprias sobre suas corpas, identidades e experiências sociais.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de fotografias e diálogos realizados com travestis e mulheres transexuais, cujas trajetórias apresentam diferentes marcadores sociais relacionados à escolaridade, classe social, raça e experiências. Os encontros ocorreram sem roteiros previamente estabelecidos, permitindo que as conversas fossem conduzidas pela espontaneidade, pelos interesses das participantes e pelos caminhos que suas memórias escolhiam percorrer. Em alguns momentos, os diálogos foram breves; em outros, prolongaram-se por horas, revelando experiências, afetos, dores, expectativas e formas de resistência construídas ao longo da vida.

Durante quatro noites do mês de abril de 2024, ruas, bares, ponto de ônibus, casas de trabalhos sexuais e outros espaços de convivência tornaram-se territórios de observação, escuta e produção fotográfica. Mais do que registrar imagens, o percurso metodológico exigiu presença, convivência e disponibilidade para o encontro. Escutar histórias, compartilhar momentos e respeitar o tempo de cada participante foram elementos fundamentais para a construção de vínculos de confiança que tornaram possível a realização desta investigação.

As narrativas compartilhadas revelaram experiências marcadas pela exclusão familiar, pela discriminação social e pelas dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho. Muitas participantes relataram que o trabalho sexual se apresentou (e ainda se apresenta) como uma das poucas alternativas de sobrevivência diante da escassez de oportunidades e da constante negação de direitos. Contudo, seus relatos também evidenciaram formas de resistência, solidariedade e construção de redes de apoio que desafiam representações simplificadoras e reducionistas. Ao lado das vulnerabilidades emergem histórias de coragem, afeto, autonomia e luta por reconhecimento.

Cabe ressaltar que as fotografias não foram produzidas com o objetivo de realizar uma análise formal das imagens ou de construir um estudo específico sobre representação fotográfica. Durante o trabalho de campo, o ato de fotografar constituiu um dispositivo de aproximação, confiança e encontro com as interlocutoras, possibilitando a construção de diálogos e a emergência de narrativas que talvez não surgissem em contextos mais formais de pesquisa. Posteriormente, parte dessas imagens passou a constituir o ensaio fotográfico "Transviadas", apresentado no ciclo de exposições "Refundar e Subverter", realizado na UDESC em 2024. Desse modo, as fotografias assumem, no percurso da pesquisa, uma dimensão relacional e artística: foram produzidas a partir dos encontros com as interlocutoras e, posteriormente, constituíram uma produção artística que comunica experiências, corpos e territórios atravessados por processos de invisibilização social. Ressalto também que os nomes das participantes foram trocados, sendo que cada uma escolheu um pseudônimo para se identificar, além de terem assinado um termo de consentimento para a publicação das imagens

Caracterizada como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, esta investigação tem como objetivo compreender aspectos das vivências de travestis e mulheres transexuais a partir de suas próprias narrativas, evidenciando desafios cotidianos, processos de construção identitária e formas de resistência. Ao articular fotografia, narrativa e interculturalidade, o estudo busca contribuir para a construção de olhares mais sensíveis às diferenças e para a valorização da pluralidade que constitui a experiência humana. Cabe destacar também que embora este artigo apresente apenas duas narrativas, seu objetivo não é representar a totalidade das experiências de travestis e mulheres transexuais, mas aproximar-se de algumas de suas vivências por meio da escuta e do encontro.

Ressalto que esse trabalho é um recorte de um ensaio fotográfico que foi desenvolvido para o ciclo de exposições "Refundar e Subverter", realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2024, o ensaio fotográfico foi intitulado "Transviadas"[4]. O ensaio reúne fotografias produzidas durante os encontros com as interlocutoras e constitui, neste artigo, o principal material visual da pesquisa. As imagens são apresentadas não apenas como registros das participantes, mas como produções que articulam encontro, experiência e produção artística.

[4] Inspirado no livro de Berenice Bento (2017), "Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos.

Dialogando com travestis e mulheres transexuais

Mais do que descrever trajetórias, busca-se aqui sustentar o encontro como acontecimento: corpos que narram a si mesmos em meio às ruas, às noites e às negociações cotidianas do trabalho sexual. As narrativas que seguem resultam de um trabalho de campo de caráter etnográfico, no qual os encontros ocorreram através do diálogo e da convivência em contextos urbanos, acompanhados de registros fotográficos.

A construção desses encontros buscou valorizar as experiências individuais das participantes, entendidas como atravessadas por marcadores sociais como gênero, sexualidade, raça e classe, bem como pelas dinâmicas próprias do trabalho sexual. Nesse sentido, os relatos apresentados não se limitam à dimensão descritiva, mas configuram-se como fragmentos de trajetórias marcadas por deslocamentos, negociações e formas diversas de resistência no cotidiano.



Figura 1: Jéssica. Fotografia digital, 2024.
(Fonte: Arquivo pessoal)

A fotografia de Jéssica integra o ensaio “Transviadas” e registra um dos encontros realizados durante o trabalho de campo. A imagem não pretende representar todas as experiências de travestis inseridas no

trabalho sexual, mas apresentar uma experiência singular, construída na relação entre pesquisador e interlocutora. Nesse sentido, a fotografia atua simultaneamente como registro de um encontro e como produção artística, permitindo que o corpo e a presença de Jéssica sejam apresentados para além das representações estigmatizadas que frequentemente atravessam as imagens sobre travestis e trabalho sexual. Jéssica, que se autodefiniu como uma "veterana" do trabalho sexual. Disse ser travesti, negra, que aos 56 anos de idade, está há mais de quatro décadas exercendo essa atividade. Natural de Florianópolis -SC, mostrou-se receptiva desde o primeiro contato. Após a explicação dos objetivos da pesquisa, aceitou prontamente ser fotografada e, inclusive, tentou convencer uma amiga que também estava trabalhando naquela noite a participar do projeto. Contudo, a colega preferiu não aceitar o convite.

Durante a conversa, Jéssica compartilhou algumas reflexões sobre sua trajetória e as transformações vivenciadas ao longo dos anos. Comentou que as condições de trabalho estavam cada vez mais difíceis e que, atualmente, enfrentava uma concorrência maior com mulheres mais jovens. Segundo ela, já não despertava o mesmo interesse dos clientes, que costumam buscar as recém-chegadas, ou como ela disse, "novatas", para trabalho sexual. Relatou ainda que muitas das profissionais que circulam pela região permanecem apenas temporariamente, com o objetivo de obter renda e seguir para outros lugares.



Figura 2: Monique. Fotografia digital, 2024.
(Fonte: Arquivo pessoal)

A fotografia de Monique também foi produzida no contexto do encontro realizado durante o trabalho de campo e integra o ensaio “Transviadas”. A imagem permite aproximar corpo e território, uma vez que o espaço urbano em que a fotografia foi produzida também aparece posteriormente na narrativa como lugar de trabalho, circulação, espera e negociação. A fotografia, portanto, não funciona apenas como ilustração da trajetória de Monique, mas como parte da experiência compartilhada que possibilitou a construção de sua narrativa. Monique, natural de Rio do Sul -SC, relatou ter saído de casa ainda muito jovem em razão da não aceitação de sua identidade de gênero por parte da família. Durante a conversa, compartilhou aspectos de sua infância e adolescência, contando que tinha uma irmã mais velha e que, quando adolescente, costumava utilizar suas roupas. Segundo Monique, seus pais sempre souberam de sua orientação sexual, mas os conflitos familiares se intensificaram quando ela passou a utilizar maquiagens e roupas consideradas femininas.

Em determinado momento da entrevista, Monique refletiu sobre as diferenças entre as experiências de discriminação enfrentadas por homens gays e mulheres transexuais. Ao me chamar de “privilegiado”, argumentou que homens gays que performam uma masculinidade socialmente aceita tendem a sofrer menos preconceitos no cotidiano. Sua observação evidenciou como diferentes marcadores identitários produzem experiências distintas de exclusão e vulnerabilidade.

Aos trinta e quatro anos, Monique relatou ter vivido durante cinco anos na Europa. Segundo ela, essa experiência proporcionou uma condição financeira mais estável e foi fundamental para a reconstrução parcial de seus vínculos familiares. Contou que voltou a manter contato com a mãe após sua permanência no exterior, período em que também trabalhou no mercado do sexo e conseguiu acumular recursos financeiros. Atualmente, envia mensalmente uma quantia em dinheiro para a mãe, embora o relacionamento com o pai permaneça interrompido. Apesar das rupturas familiares, emocionou-se ao falar sobre seus pais, afirmando que “a família é a base de tudo” e manifestando o desejo de, um dia, voltar a conversar com o pai.

Monique também destacou que sua experiência no exterior possibilitou a aprendizagem de quatro idiomas — português, italiano, francês e inglês. No entanto, afirmou que, mesmo possuindo ensino médio completo e domínio de diferentes línguas, encontra dificuldades para acessar oportunidades profissionais formais no Brasil. Em sua percepção, travestis e mulheres trans continuam enfrentando barreiras significativas no mercado de trabalho, sendo frequentemente excluídas ou direcionadas para funções consideradas subalternizadas.

Entre todas as participantes, Monique foi provavelmente aquela com quem mais conversei. Após a entrevista inicial, caminhamos até um posto de gasolina para e, posteriormente, sentamo-nos em um ponto de ônibus. A conversa extrapolou os limites da pesquisa e transitou por temas diversos, como estética, biomedicina, experiências de trabalho, relações interpessoais, arte e gastronomia. Ao longo da madrugada, carros passavam ocasionalmente pela avenida, alguns buzinando ou chamando sua atenção, lembrando constantemente que aquele espaço de diálogo também era seu local de trabalho.

Já se aproximavam das três horas da manhã quando um carro parou ao nosso lado. Sem demonstrar qualquer preocupação com minha presença, o motorista perguntou o valor do programa. Monique respondeu que cobrava cem reais. Diante da recusa do cliente, o veículo seguiu seu caminho. A cena, aparentemente banal, revelou aspectos cotidianos da dinâmica do trabalho sexual e da negociação permanente que atravessa essa atividade.

Monique contou que costuma realizar entre três e quatro programas por noite. Disse preferir chegar cedo ao ponto de trabalho para também retornar cedo para casa, geralmente iniciando sua jornada por volta das vinte horas e encerrando-a próximo da meia-noite. Naquela noite, contudo, decidiu permanecer além do horário habitual, afirmando que havia gostado da conversa que estávamos tendo. Ao final do encontro, despedimo-nos, trocamos contatos telefônicos e seguimos nossos caminhos.

Dialogando com autoras (es)

Como o trabalho tem como sujeitas da pesquisa, travestis e mulheres transexuais, sinto a necessidade de conceituar esses termos, segundo Jesus (2014) compreende as identidades trans a partir das experiências das pessoas que ultrapassam as fronteiras de gênero socialmente esperadas, ressaltando diferenças entre travestis e pessoas transexuais e a necessidade de compreender essas experiências para além de classificações rígidas.

Ao buscar conceituar os termos travestis e transgêneros, Jesus (2014), nos convida a deslocar o olhar das classificações e das determinações anatômicas para as experiências vividas pelas (os) sujeitas (os). Nessa perspectiva, a identidade de gênero não se encontra inscrita no corpo como uma verdade fixa, mas se constitui nas formas pelas quais cada pessoa se reconhece, se expressa e constrói sua existência no mundo.

Tal compreensão permite perceber travestis e pessoas transexuais, reconhecendo-as como protagonistas de trajetórias singulares, atravessadas por desafios, resistências e invenções cotidianas. Suas existências evidenciam a pluralidade das experiências humanas e revelam que gênero, mais do que uma categoria estática, é um campo de possibilidades e produções de sentido.

Os depoimentos apresentados, marcados por trajetórias de travestis e mulheres transexuais inseridas no mercado do sexo, podem ser analisados a partir de uma perspectiva intercultural crítica, articulando gênero, sexualidade, raça, classe e produção de subjetividades. Nesse sentido, os aportes de Vera Maria Candau (2016) e Catherine Walsh (2009) são fundamentais para compreender esses relatos não como experiências individuais isoladas, mas como atravessamentos históricos e estruturais produzidos por regimes de desigualdade.

A interculturalidade crítica, conforme Walsh, não se limita ao reconhecimento da diversidade cultural, mas implica questionar as estruturas coloniais de poder que produzem hierarquias entre corpos, saberes e identidades. Segundo Walsh (2009, p. 03):

> A interculturalidade passa a ser entendida como uma ferramenta, como um processo e projeto que se constrói a partir das gentes - e como demanda da subalternidade - em contraste à funcional, que se exerce a partir de cima. Aponta e requer a transformação das estruturas, instituições e relações sociais, e a construção de condições de estar, ser, conhecer, aprender, sentir e viver distintas

Nos depoimentos, isso se evidencia na forma como as entrevistadas relatam expulsões familiares, violências simbólicas e materiais, e a necessidade de construção de redes próprias de sobrevivência. Essas experiências revelam o que Candau (2016) denomina da necessidade de uma educação e prática social pautadas no reconhecimento da diferença sem hierarquização, o que, no caso das travestis e mulheres trans, implica enfrentar diretamente a marginalização histórica de seus corpos.

A compreensão das identidades de gênero pode ser aprofundada com Judith Butler (2003), especialmente a partir da noção de performatividade de gênero. O relato em que uma das entrevistadas narra desde a infância práticas de feminilidade — como vestir roupas da mãe, usar objetos para simular cabelo ou se reconhecer como menina desde cedo - podem ser interpretados como expressões de uma identidade que não é essência, mas repetição performativa de normas de gênero que, ao mesmo tempo, são subvertidas. Butler permite compreender que essas identidades não são desvios, mas efeitos de normas regulatórias que também podem ser ressignificadas. Para Butler (2003) a necessidade socialmente estabelecida de

apresentarmos uma identidade coerente está diretamente relacionada à "heterossexualidade compulsória" e à discriminação contra pessoas não normativas.

Nesse mesmo campo, Berenice Bento (2017), contribui ao problematizar a patologização das identidades trans e travestis. Bento destaca que a transexualidade não deve ser compreendida como uma inadequação do corpo, mas como uma experiência de gênero atravessada por regimes médicos, jurídicos e sociais que definem quem pode ou não ter legitimidade como sujeito. Nos depoimentos, a busca por reconhecimento e as estratégias de sobrevivência no mercado do sexo evidenciam justamente a tensão entre autodeterminação e normas institucionais que regulam as corpas de travestis e transexuais. Ressalto que Bento (2017), também escreve sobre a abjeção[5] dessas corpas, para a autora:

> Os atributos considerados qualificadores para os corpos entrarem no rol dos "seres humanos" não encontram morada quando se está diante de uma pessoa o qual o aparato conceitual de que se dispõe para a significação da existência humana não a alcança. A linguagem entra em pane, em colapso e nessa falta de texto o nojo e a violência se instauram. (Bento, 2017, p. 50)

A dimensão identitária e cultural também pode ser articulada com Stuart Hall (2006), para quem a identidade é um processo em constante construção, atravessado por discursos e representações. As narrativas das entrevistadas mostram identidades em fluxo: deslocamentos territoriais, rupturas familiares, reinvenção de si nas ruas e no trabalho sexual. Hall permite compreender essas trajetórias como formações identitárias produzidas na diáspora social, isto é, na constante negociação entre pertencimento e exclusão. Segundo o autor:

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p.13)

Por fim, a definição de travestis e transexuais proposta por Jesus (2014), enfatiza que travestis e mulheres transexuais não devem ser compreendidas como sinônimos, mas como categorias políticas e identitárias situadas historicamente. Travestis, em muitos contextos brasileiros, podem não necessariamente reivindicar a transição cirúrgica ou legal completa, enquanto mulheres transexuais frequentemente se

[5] Berenice Bento, usa o termo abjeção (e não "objeção"), para definir corpos e identidades que são expulsos da

identificam com o gênero feminino e podem ou não desejar intervenções médicas. Nos depoimentos analisados, essas categorias aparecem de forma fluida, demonstrando que as vivências não se encaixam rigidamente em classificações, mas são produzidas na interseção entre autoidentificação, contexto social e reconhecimento externo.

Assim, ao articular Candau 2016 e Walsh (interculturalidade crítica), Butler (performatividade), Bento (despatologização e abjeção), Hall (identidade como processo) e Jaqueline Gomes de Jesus (definições político-sociais de travestis e transexuais), é possível compreender os depoimentos como narrativas atravessadas por múltiplas formas de exclusão, mas também por estratégias de resistência, reinvenção e produção de existência. Trata-se de corpos que não apenas sofrem a marginalização, mas que também produzem cultura, linguagem e modos próprios de estar no mundo, tensionando as fronteiras normativas da sociedade contemporânea.

E o que a educação tem a ver com isso?

A pesquisa desenvolvida também apresenta importantes possibilidades de desdobramento no campo educacional, ao ser compreendida como uma prática alinhada às pedagogias engajadas. Nessa concepção bell hooks (2013), concebe a educação como uma prática de liberdade fundamentada no diálogo, na valorização das experiências vividas e na construção coletiva do conhecimento. Nessa perspectiva, as narrativas e imagens produzidas, tornam-se recursos capazes de promover processos educativos críticos e transformadores, favorecendo a escuta de vozes historicamente marginalizadas e ampliando as possibilidades de reflexão sobre as relações de poder que atravessam a sociedade. Assim, os relatos e as imagens produzidas podem ser utilizados como dispositivos pedagógicos capazes de promover reflexões críticas sobre gênero, sexualidade, raça, classe e processos de exclusão e inclusão social.

Além disso, a utilização de fotografias e relatos de vida pode favorecer metodologias ativas e dialógicas, nas quais os estudantes não apenas recebem informações, mas são convidados a interpretar, refletir e produzir sentidos a partir das experiências apresentadas. Esse movimento aproxima-se da pedagogia freireana, ao valorizar o diálogo, a problematização da realidade e a leitura crítica do mundo. As fotografias que compõem o ensaio “Transviadas” podem constituir pontos de partida para uma leitura crítica da realidade. Em uma situação educativa, as imagens podem provocar questões que ultrapassam aquilo que está

imediatamente visível: quem é essa pessoa? Em que território ela está? Que relações sociais atravessam esse espaço? O que a fotografia torna visível e o que permanece invisibilizado? Que representações sobre travestis e mulheres transexuais são produzidas socialmente a partir desses corpos e territórios?

Articuladas às narrativas das interlocutoras, as imagens permitem trabalhar questões relacionadas a corpo, gênero, identidade, território, trabalho, desigualdade e reconhecimento. Assim, sua utilização educativa não consiste apenas em apresentar fotografias de travestis e mulheres transexuais, mas em criar condições para que estudantes possam problematizar os discursos e as relações sociais que produzem determinadas formas de visibilidade e invisibilidade. A fotografia pode, desse modo, constituir um ponto de partida para o diálogo e para a leitura crítica do mundo.

No campo da educação em direitos humanos, as narrativas e imagens também podem contribuir para problematizar a transfobia e a LGBTfobia no espaço escolar, promovendo debates sobre diversidade, cidadania e reconhecimento. Ao entrar em contato com essas narrativas, os estudantes são provocados a refletir sobre os mecanismos sociais que produzem invisibilização e violência, bem como sobre as formas de resistência e afirmação identitária presentes nas trajetórias das participantes.

Ao aproximar a pesquisa do campo educacional o trabalho aproxima-se das contribuições de Louro (1997), ao compreender a escola como um espaço atravessado por relações de poder que produzem, regulam e naturalizam corpos, identidades e sexualidades. Louro (1997) evidencia que tais processos não são neutros, mas historicamente construídos e reiterados no cotidiano escolar por meio de discursos e práticas pedagógicas. Nesse sentido, as narrativas e imagens mobilizadas neste estudo contribuem para tensionar essas normatividades, ao tornar visíveis experiências que escapam aos padrões hegemônicos e ao evidenciar trajetórias de travestis e mulheres transexuais frequentemente silenciadas no espaço educacional.

Percepções

As narrativas apresentadas neste estudo evidenciam que as trajetórias de travestis e mulheres transexuais são marcadas por processos simultâneos de exclusão, resistência e reinvenção. Os relatos de Jéssica e Monique demonstram que o mercado do sexo constitui uma realidade complexa, atravessada tanto pela busca de autonomia econômica quanto por experiências de violência, precarização e insegurança.

As experiências compartilhadas revelam que a transfobia estrutural atua desde a infância, afetando vínculos familiares, trajetórias escolares, oportunidades de trabalho e formas de reconhecimento social. Ao mesmo tempo, os depoimentos mostram a construção de estratégias de sobrevivência, redes de apoio e projetos de vida que desafiam os limites impostos pela marginalização. Mais do que retratar situações de vulnerabilidade, esta pesquisa evidencia a pluralidade das experiências travestis e transexuais e a capacidade dessas sujeitas de produzir sentidos sobre suas próprias existências.

Ao reconhecer as narrativas e as imagens produzidas como formas legítimas de conhecimento, o estudo reafirma a importância de práticas educativas fundamentadas no diálogo, na escuta e na valorização das experiências vividas.

Assim, a pesquisa não apenas produz conhecimento sobre realidades frequentemente invisibilizadas, mas também aponta caminhos para práticas educativas mais críticas, inclusivas e transformadoras, alinhadas à compreensão da educação como prática de liberdade.

Referências

BENTO, Berenice. **Transviad@s:** gênero, sexualidade e direitos humanos/ Berenice Bento. Salvador: EDUFBA, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 802-820, jul./set. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/198053143455. Acesso em: 11 jun. 2026.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JESUS. Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo:** teorias e práticas**.** Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

PRADA, Monique. **Putafeminista.** São Paulo: Veneta, 2018.

SILVA, Gabriela da. **(Trans)Trajetórias de vida e escolarização de travestis e transexuais no contexto da educação de jovens e adultos em Santa Catarina.** Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/249854 . Acesso em 10 jun. 2026.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de) colonialidad: perspectivas críticas e políticas. In: Congresso da Associação para a Pesquisa Intercultural (ARIC) 2009. Florianópolis, UFSC. **Anais eletrônicos.** Disponível em: http://aric.edugraf.ufsc.br/congrio/anais/artigo/767/textoCompleto. Acesso em 10 jun. 2026.